

O OLHAR DO LEITOR DIANTE DO CONSUMO EXCESSIVO DE INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA

Roberta Santana Barroso (UENF)

robertasantana460@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

Sinthia Moreira Silva (UENF)

sinthia_moreira@hotmail.com

Clodoaldo Sanches Fofano (UENF)

clodoaldosanches@yahoo.com.br

RESUMO

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, dedicou-se a estudar os acontecimentos e atributos da sociedade, logo, delimitou tal período como “modernidade líquida”. Líquidos se transformam de forma ágil e assim é o atual estágio da humanidade: mutável. Este trabalho objetiva discutir o pensamento crítico e a sustentabilidade da leitura diante do consumo excessivo de informação em tempos de modernidade líquida. Para sua construção, realizou-se pesquisa bibliográfica, baseada em livros e artigos científicos, composta de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. A leitura é de extrema importância para a transformação do ser humano e é no seio da sociedade que o homem se constitui como tal. Dessa forma, linguagem está no centro dessas práticas comunicativas para essa transformação social diante das diferentes relações de suportes e textos multimodais dentro do ciberespaço, no qual novas formas de pensamento representa uma espécie de evolução da comunicação não como algo rígido e engessado, mas como marco de um período sócio-histórico da comunicação humana mais flexível e dinâmica.

Palavras-chave:

Informação/desinformação. Mundo digital. Modernidade líquida.

ABSTRACT

Zygmunt Bauman, a Polish sociologist, dedicated himself to studying the events and attributes of society, so he outlined this period as “liquid modernity”. Liquids are transformed in an agile way and this is the current stage of humanity: changeable. This paper aims to discuss critical thinking and the sustainability of reading in the face of excessive information consumption in times of liquid modernity. For its construction, a bibliographic research was carried out, based on books and scientific articles, composed of theoretical sources that support the search for answers on the topic addressed. Reading is extremely important for the transformation of human beings and it is within society that man is constituted as such. Thus, language is at the center of these communicative practices for this social transformation in view of the different relationships of supports and multimodal texts within cyberspace, in which new ways of thinking represent a kind of evolution of communication not as something rigid and

plastered, but as a framework a more flexible and dynamic socio-historical period of human communication.

Keywords:

Information/misinformation. Digital world. Liquid modernity.

1. Introdução

Diversos autores têm buscado focalizar no termo “modernidade”, sendo algo que está ligado ao que é recente, atual. O sociólogo, Zygmunt Bauman, conceituou o termo modernidade líquida, definindo o tempo presente, pois para o autor nós “vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar...”

Ele faz um resgate histórico desde quando começou a modernidade até os dias atuais. Bauman relata que no final do século XVIII, as sociedades europeias ocidentais começaram a se agrupar em centros urbanos, caracterizados pela industrialização e pelo capitalismo, dessa forma ela entra na época da modernidade. O autor trabalha com dois períodos da modernidade, a Sólida e a líquida.

A modernidade sólida, o início de todo o processo, tem-se a construção de uma sociedade ordenada previsível racional e relativamente estável. Sendo que as características determinantes dessa sociedade são a organização das instituições humanas em paralelo com a burocracia, que irá permear de forma com que o raciocínio prático possa resolver nossos problemas do cotidiano. Já a segunda característica, que foi as estruturas sociais, no qual as mudanças eram ordenadas e previsíveis, sendo assim, ninguém tinha a preocupação em se reinventar, modernizar. Enfim, a sociedade era bem estável, previsível, racional para resolver de forma eficiente os problemas do cotidiano.

O objetivo deste trabalho é discutir o pensamento crítico e a sustentabilidade da leitura diante do consumo excessivo de informação em tempos de modernidade líquida. Em sua construção realizou-se pesquisa bibliográfica em sites da internet e artigos científicos que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. Nesse empenho, destacam-se autores como Bagno (2008); Bauman (2000, 2001, 208 e 2013), Marcuschi (2007), Santaella (2008), entre outros.

2. A leitura no contexto digital

A história do livro nos mostra uma relação entre livro, leitura e leitor que passou por diversas transformações, modificando as formas e práticas de leitura e as competências necessárias para realizá-la. Analisar essas mudanças que ocorreram e que ocorrem a cada dia no mundo da leitura e do leitor com o advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) é compreender, também, a transição do suporte de informação mais estipulado pelos leitores, o livro.

Indagar sobre as mudanças que ocorrem no mundo da leitura e do leitor perante as TDICS é também tentar explicar o momento de transição atual do suporte de informação mais estimado pelos leitores, o livro. Parece óbvio analisar a ligação entre o livro e a leitura, pois o livro como produto cultural foi ou é o mais representativo símbolo usado pela humanidade para o registro e a preservação da memória coletiva.

No mundo atual, o leitor se depara com uma nova maneira de ler, sendo algo que está amparado por ferramentas tecnológicas, no qual é necessário criar habilidades para que ocorra esse processo evolutivo com as TDICs que estão presentes na sociedade. De acordo com Chartier (2001, p.148), “a forma contribui para o sentido”, visto que a transformação dos registros de informação nos apresenta o tamanho da magnitude da tecnologia como uma nova estrutura da representação textual.

Através da difusão do livro impresso, novos leitores foram formados que estão ligados à uma nova competência digital, no qual abre novos horizontes e possibilita ao leitor a alcançar novos prestígios. E tudo isso, na concepção de Bauman (2007, p.09), exige um “conjunto diferente de habilidades”, no qual proporcionará vitórias futuras.

É necessário perceber que a materialidade do objeto que será utilizado para leitura, sendo algo utilizado pela literatura em relação às práticas de leitura no mundo digital. Sendo assim, a chegada do livro eletrônico faz com que os agentes responsáveis pela produção de livros ganhem novos papéis, como também, novas relações com o leitor representado por um comportamento baseado nas informações compartilhadas por meio da *Web*.

É necessário abandonar a concepção minimizadora do computador como mera ferramenta, pois as tecnologias computacionais são, acima de tudo, tecnologias da inteligência em interfaces com o humano cada vez mais multifacetadas e complexas (SANTAELLA, 2018, p.14).

Para tanto, se fizer um paralelo com o leitor atual, no qual utiliza-se muito de leituras rápidas por estar ligado a uma gama de textos eletrônicos, assim como impressos pode verificar que muitas mudanças ocorreram nas técnicas de leitura e escrita vigentes. Embora haja uma ligação que traz um avanço imenso no leitor que é realizado pela leitura, sendo algo inquietante (SANTAELLA, 2018).

Logo, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua, que é um fenômeno social; fazendo com que o homem se comunique com o mundo e com o outro fazendo com que a língua e o sujeito estejam relacionados mutuamente. O texto corresponde tudo que lhe é repetitivo e reproduzível, porém, cada texto é único, individual e irreproduzível. E é dessa forma que ele se relaciona com a verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história. Em relação a esta função, tudo o que é repetitivo e reproduzível é da ordem do meio, do material (BAKHTIN, 1997, p. 331).

Porém aconteceram muitas mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorreram muito interconectadas, possibilitando a transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, no qual um mundo global em que Bauman relata a palavra se reinventar. As multinacionais pulverizaram o poder que antes era centralizado no Estado, veio o advento da internet que trouxe uma rapidez na comunicação e isso fez a sociedade criar novos hábitos. Uma condição global de mudanças constantes e de incertezas. Afinal não se tem estabilidade na sociedade, nas relações sociais, nas relações internacionais devido a essa fluidez constante em todos os campos da sociedade.

A educação entra nesse ritmo na medida em que ela nos prepara para o mercado de trabalho e com isso, o indivíduo precisa se reciclar constantemente, se reinventar. Tudo é fugaz e transitório e a cultura digital provoca cada vez mais mudanças na vida do leitor pelo meio em que ele vive, pelo contexto em que são inseridos. Tendo a tecnologia um grande exemplo de modificação no cotidiano, não consistindo apenas em aparatos relacionados ao meio da informática. E sim, como algo que torna a vida mais dinâmica e funcional para lidar com as ferramentas no dia a dia., tendo a Literatura o papel da criação de uma sociedade melhor, com os impactos por meio das transformações tecnológicas e a utilização cada vez mais intensa por meio das interações digitais.

Destarte, é no tempo de liquidez que se tem a transformação de leitor passivo para leitores ativos-críticos. É fato que as pessoas se mantêm conectadas com o mundo virtual praticamente vinte e quatro horas

por dia. E isso devido ao acesso à internet, assim como as redes sociais, se tornou acessível a todas as classes sociais. Essa conexão de forma rápida e fácil às notícias facilita a vida das pessoas que não dispõem de muito tempo livre, porém qualquer indivíduo pode lançar notícias na rede e sem garantia nenhuma de que seja verdadeiro o que pode levar a desinformação devido a informações fraudulentas.

No entanto, é indiscutível que a *internet* possui uma imensidade de notícias todos os dias, algo que lê pelos meios de comunicação mais tradicionais como jornal ou televisão, a internet possui diversos anunciantes, algo que coloca em dúvida a veracidade da informação que ali foi postada, contudo não se pode pressupor que as pessoas pensem e ajam com tamanha cautela ao lerem uma informação em rede, tendo como resultado informações fraudulentas que influenciam opiniões repercutindo em mais desinformação.

2.1. O leitor e o seu papel em tempos de modernidade líquida

Na sociedade pós-moderna e a efemeridade dos acontecimentos levanta questões acerca da duração das coisas. Influenciados pelos fenômenos das relações sociais, o forte avanço tecnológico da chamada *Web 4.0* e dos algoritmos da Inteligência Artificial (IA) faz a sociedade se fragmentar, no qual se pode dizer que nada é para sempre e não produz estabilidade, o que implica uma desorganização no cotidiano das pessoas e suas relações comunicativas.

Bauman, um estudioso e crítico da pós-modernidade, criador do conceito de “modernidade líquida” que diz respeito a uma nova era em que as relações sociais, econômicas e de produção se estabelecem de maneira fugaz e maleável, como o líquido estabeleceu uma análise da realidade contemporânea. Em suma, o citado autor afirma que em relação a esse desenvolvimento feroz e veloz “sabemos de onde estamos correndo, mas não sabemos para onde estamos indo. Estamos avançando — mas sem um destino claro” (BAUMAN, 2016, p. 252).

Assim como as experiências cotidianas, as narrativas textuais também sofreram grandes transformações. Os gêneros literários começaram a se libertar dessa materialidade e assumiram novas formas virtuais e adquiriram a leveza da qual relata Bauman.

A linguagem e suas práticas comunicativas foram impactadas mediante as transformações tecnológicas e com isso destaca-se cada vez

mais a utilização por meio das interações digitais com consequências sociais, políticas, econômicas e culturais. Elucida Santaella (2019) ao dizer que “As linguagens são muitas. Desde a revolução industrial e, mais recentemente, a revolução eletrônica, seguida da revolução informática e digital, o poder multiplicador e o efeito proliferativo das linguagens estão ampliando enormemente” (SANTAELLA, 2019, p. 28).

Santaella (2007) associa a noção do conceito de “líquido”, proposto por Bauman, às dinâmicas da cibercultura. O fato de que a cibercultura utilizar-se da ideia de “navegação” utilizada no manuseio da *Web* a noção de “líquido” como um fenômeno da modernidade líquida. Os fluxos transnacionais de informação, as múltiplas e variadas possibilidades de conexão e comunicação em rede, na perspectiva de velocidade, leveza e agilidade parecem funcionar como uma eficiente engrenagem nas formas contemporâneas de pensar e agir de maneira integrada. A autora relaciona a imagem de “arquiteturas líquidas” (SANTAELLA, 2007, p. 16) a fim de destacar os espaços de fluxos e os territórios flutuantes.

É no seio da sociedade que o homem se constitui como tal e a linguagem está no centro dessas práticas comunicativas. Sob essa ótica, os indivíduos interagem e participam de atividades *on-line* e que traz uma modificação e faz compreender que o mundo *on-line* é essencial para o estudo da linguagem. A maneira pela qual nos comunicamos, conforme Bagno (2007, p. 20), é “do ponto de vista dos usuários da língua, podemos dizer que é bom porque dá provas de vitalidade e capacidade de adaptação às exigências da vida moderna”. Portanto, A língua só existe numa relação com o outro, é o bem social mais precioso e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, povo e cultura (MARCUCU, 2007).

Destarte, o ponto fulcral do papel do leitor na modernidade líquida está centrado em uma postura crítica e reflexiva diante das relações de diferentes suportes e textos multimodais dentro do ciberespaço, cujas experiências são fortemente impregnadas ao consumo de novas formas de pensamento. Sendo assim, para Santaella (2008), por meio das relações dos espaços virtuais, o ciberespaço representa uma espécie de evolução da comunicação não como algo rígido e engessado, mas como o marco de um período sócio-histórico da comunicação humana mais flexível e dinâmica.

2.2. O pensamento crítico e o excesso de informação e desinformação

A chegada do século XXI foi marcada pelas aceleradas e desencadeadas mudanças comportamentais da sociedade da informação e seus fluxos contínuos, diante das transformações digitais e a partir do aumento dos dispositivos móveis. Com isso, surge o conceito de pós-verdade nesta sociedade onde a movente interação em redes sociais e outras mídias tornam-se cada vez mais consumidores de informações manipuladoras e até mesmo falsas, o que chamamos de *fake news*. Uma sociedade que consome de tudo de forma cada vez mais inerte à verdade dos fatos e informações.

Segundo Pollyana Ferrari (2018, p. 25) “não assimilamos a tecnologia na mesma velocidade em que ela se desenvolve. Então, temos um *delay* do corpo, da mente”. É como se não déssemos conta dessas transformações e da velocidade que elas surgem, mesmo assim, tentamos acompanhar, entretanto sem filtrar e gerenciar corretamente este fluxo de informações. A citada autora corrobora com esta questão dizendo que “compartilhamos *fake news* porque, na maioria das vezes, nem sequer clicamos no texto que recebemos e precisamos de alguns minutos para refletir sobre o que lemos, porque ‘o dedo’ é mais rápido do que o tempo do cérebro para assimilar aquela informação” (FERRARI, *ibidem*). Na verdade, nosso cérebro sofre uma sobrecarga de informações, sendo necessária uma batalha de checagem dos fatos em prol de um mundo no qual o senso crítico prevaleça. “Senso crítico que anda faltando nos debates sobre *fake news*” (FERRARI, *ibidem*).

Dessa maneira, destaca Santaella (2007) que, as linguagens antes consideradas do tempo – som, verbo, vídeo – eram especializadas em uma nova modalidade de espaço: o ciberespaço, que em seus domínios (...) linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos (...) Estes novos espaços (virtuais, digitais) começam a fazer parte de novas experiências.

Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestava. (SANTAELLA, 2007, p. 24)

Nessa abordagem Bauman (2001) descreve que o comportamento humano perante a informação e ao conhecimento como um estado de liquidez, portanto, o pensamento coletivo, as práticas discursivas e práticas

sociais são apreendidas em fluxos intensos, velozes e fluido que impactam nas relações sociais mais superficiais e menos profundas, por isso, seriam relações mais fragmentadas nas redes sociais e nos espaços virtuais online na Internet. Em um mundo no qual os pilares frágeis, vulneráveis, temporários e efêmeros são a insegurança e o consumo, o pensamento crítico é a resistência aliada a veracidade das coisas.

No Brasil, vimos a impiedosa política que distorce cada vez mais a noção do direito e do dever, a manipulação dos fatos diante dos valores e posicionamentos políticos. A verdade está mais próxima de uma areia movediça que a cada tentativa de averiguação e legitimidade das informações se distancia cada vez mais do seu propósito o que denota a insegurança sobre o futuro. E ainda, conforme Bauman (2000, p.32), “as duas coisas de que mais se tem certeza hoje em dia é que há pouca esperança de serem mitigadas as dores das atuais incertezas e que mais incerteza ainda está por vir.” Nesse contexto das interações em espaços virtuais, a Modernidade Líquida, descreveria a conduta dos sujeitos sociais enquanto performances virtualizadas em que os mesmos sujeitos se misturam, interagem, recriam, compartilham e elaboram novos produtos a partir de suas próprias experiências na rede (SANTAELLA, 2008).

É mister que neste tempo de liquidez, passamos do estágio de leitor passivo para leitores ativos-críticos. Na guerra contra a desinformação é a educação que será a arma principal a guiar nossos jovens e reconstruir um novo estágio na sociedade da informação de forma ética e verdadeiramente democrática, onde sem dúvidas poderão enxergar com vivacidade os danos cometidos na atual era da pós-verdade.

A fim de ratificar tal ponto de vista Araújo (2020) evidencia que vivemos numa era de pós-verdade, na medida em que a verdade se subordinou à política. Isto tem implicações não só para os debates políticos, mas também para a ciência, a tecnologia e o pensamento de senso comum (ARAÚJO, 2020). A disseminação de desinformação pelo mundo é um problema crescente em que as sociedades estão sendo manipuladas. Silva (2001, p. 23) disserta que “na era da informação, a maioria da população brasileira continua desinformada e manipulada”.

Os conteúdos de desinformação são compartilhados sem filtragem e averiguação das fontes. Conforme Andersen e Godoy (2020, p. 187), “se as pessoas não encontram uma informação de qualidade, tendem a inventar explicações para preencher as lacunas utilizando heurísticas de disponibilidade”. Para garantir uma comunicação de confiança é preciso

checar as informações e suas fontes para restabelecer sua credibilidade. Na visão de Mercier (2020, [s.p.]), “Como não dispomos nem do tempo, nem da motivação, nem mesmo da informação complementar necessária para avaliar adequadamente a maior parte da informação que encontramos, revertemos para um estado de ceticismo racional”.

Nesse entendimento a educação poderá abrir os horizontes para uma transformação da sociedade, conforme Bauman (2013) caberá a educação a transferência de informação a ser memorizada; o domínio de uma estrutura cognitiva onde as informações adquiridas possam ser absorvidas e incorporadas; e a capacidade de desmontar e reorganizar a estrutura cognitiva anterior sem um elemento substituto. A sociedade, sob influência da liquidez da vida, tem conduzido seus processos de educação a absorverem os conteúdos sem questionamentos ou se quer argumentação, essa conduta de memorização e a forma que absorvem o conhecimento é replicado nas relações sociais e culturais, ditados por essa modernidade líquida.

Fomentar entre os educandos a problematização, argumentação, críticas e reflexões a respeito dos conhecimentos adquiridos no âmbito escolar é papel fundamental para que o pensamento crítico seja fortalecido em nossa sociedade. Bauman (2013) os compara a mísseis balísticos que, ao descobrirem o alvo, têm a capacidade de mudar a rota. A educação deve ter essa capacidade de fazer com que os educandos adquiram a capacidade de aprender novos comandos e consigam, pelas suas próprias escolhas, mudar radicalmente de ideia sem que afete o fim: “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 16). Assim “para estarem preparados, eles precisam da instrução: conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável” (BAUMAN, *ibidem*). Bauman conclui que “para ser ‘prático’, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental” (BAUMAN, *ibidem*).

Portanto, a nova transformação social da modernidade está em desmontar essa realidade ilusória que se baseiam os indivíduos desse sistema capitalista e consumista. É preciso desenvolver a autonomia e a autodeterminação tão escassas nesta sociedade atual, a fim de construir alicerces mais sólidos e confiáveis. Bauman (2016, p. 251), afirma que “se não formos ágeis a progredir nesta mudança saberemos o que estaremos deixando para trás ao sair; mas não podemos dizer com nenhum grau de certeza para onde estamos indo”.

3. Considerações finais

As TDICS conquistaram um grande espaço na sociedade atual, considerando o aprimoramento e inovação das técnicas. Para tanto, é natural que as práticas de leitura sofram modificações e se desenvolvam para que continue representando uma prática social que possibilita a aquisição do conhecimento. É nesse sentido que o perfil do leitor também passa por transformações, caracterizando as diversas mudanças nos modos de ler. Tudo isso pode-se afirmar que vivemos em “tempos líquidos” para atender as necessidades do ser humano.

As novas gerações estão crescendo sob esse cruel paradigma das relações sociais líquidas. Reconhece-se a fragilidade de mecanismos forjadores da consciência crítica, verdadeiramente emancipadora, fundamentada não simplesmente na mesma razão, outrora pilar da modernidade, mas que seja capaz de considerar o ser humano em todos os seus aspectos e, assim, constituir uma sociedade onde o centro das decisões e escolhas seja a pessoa humana.

Portanto, sabe-se que a leitura é essencial para a transformação do ser humano e é no seio da sociedade que o homem se constitui como tal. Dessa forma, linguagem está no centro dessas práticas comunicativas para essa transformação social diante das diferentes relações de suportes e textos multimodais dentro do ciberespaço, no qual novas formas de pensamento representa uma espécie de evolução da comunicação não como algo rígido e engessado, mas como marco de um período sócio-histórico da comunicação humana mais flexível e dinâmica. Logo, neste tempo de liquidez, é necessário mudamos do estágio de leitor passivo para leitores ativos-críticos. Visto que, vivemos no mundo em que a educação é a arma principal a nortear os jovens e também reconstruir um novo estágio na sociedade da informação de forma ética e verdadeiramente democrática, na qual sem dúvidas, todos poderão enxergar com vivacidade, por meio da educação, os danos cometidos na atual era da pós-verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Angélica; GODOY, Elena. Infodemia em tempos de pandemia: batalhas invisíveis com baixas imensuráveis. *Memorare*, v. 7, n. 2, Tubarão, maio/ago. 2020. Disponível em: encurtador.com.br/kms36 Acesso em: 11 jan. 2021.

ARAÚJO, S. Truth. Post-Truth: Lessons from William James. *Journal of Constructivist Psychology*, Londres. 2020. Disponível em: encurtador.com.br/rCJU3. Acesso em: 15 jan. 2021.

BAGNO, Marcos. In: VOLPATO, Cadão. Q língua eh essa?. *Revista da Cultura*, Edição 158, p. 20, São Paulo, ago. 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

_____. Sociedade, linguagem e modernidade líquida. *Revista Diálogo Educacional*, v. 16, n. 47, p. 247-58. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná, Brasil. abril, 2016. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=1891/18914538001>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antoni Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FERRARI, P. Contra fake news, educação. In: Pollyana Ferrari (Org.). *Fluido, Fluxo: reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: <https://www.editorafi.org/428fluido-fluxo>. Acesso em: 25 jan. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MERCIER, H. *What do you really know about gullibility?*. Princeton University Press, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/jtCNY. Acesso em: 15 jan. 2021.

PIPER, A. *Book was there: reading in electronic times*. University of Chicago Press. Chicago, 2012.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

_____; FERRARI, P. (Org.). *Acelerações espaço-temporais evanescentes*. Fluido, Fluxo: reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas [recurso eletrônico]. Porto Alegre-RS: Fi, 2018. Disponível em: encurtador.com.br/ksKL1. Acesso em: 15 jun. 20.

_____; GABRIEL, M. Por que Black Mirror dá muito o que pensar? *Rev. Diálogo Educ.*, v. 19, n. 62, p. 932-47, Curitiba, jul./set. 2019. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoedca_cional/article/view/25655. Acesso em: 19 set. 20.

SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2001.